

## **A Fenomenologia de Merleau-Ponty: Paralelos**

*Cauê Alves (Bolsista FAPESP- Departamento de Filosofia FFLCH-USP)*

*Orientadora: Marilena de Souza Chaui*

A presente pesquisa pretende refletir sobre o pensamento merleau-pontyano, mais especificamente, sobre sua crítica à ciência e à *Gestalttheorie*. Tendo compreendido essa psicologia da percepção como um modelo criticado pela fenomenologia, estudamos a corrente artística concreta e neoconcreta no Brasil, a partir do acervo do MAC-USP e dos manifestos, traçando um paralelo entre os dois pensamentos em questão. Tentamos mostrar que a crítica da arte neoconcreta à arte concreta é análoga à crítica de Merleau-Ponty à Gestalt.

### **Ecos de um Pensamento**

A experiência ingênua com o mundo é uma maneira de se colocar frente a ele, ou melhor, de estar nele. É um modo de vê-lo como completo em si mesmo e absoluto, como se o mundo e seus mistérios se oferecesse ao nosso conhecimento. Nesse caso o mundo é concebido como algo que está sempre aí, um pano de fundo contra o qual nossos atos se desenrolam. A experiência ingênua é a crença natural de que o mundo percebido existe. Essa crença ou fé perceptiva é interrompida quando se inicia a interrogação e a reflexão filosófica, ou seja, quando se passa a interrogar o mundo e a experiência que nele temos. Mas essa reflexão de maneira alguma, para Merleau-Ponty, pode destruir a percepção do mundo, pois ela é inseparável da vida, do corpo, e do que vemos. O que percebemos são as coisas mesmas, “o mundo é aquilo que vemos”

No entanto a percepção, sendo ambígua, foi recusada como fundamentação do conhecimento pelo intelectualismo: “Muitas experiências arruinaram, pouco a pouco, todo o critério que eu dera aos sentidos. Pois observei muitas vezes que torres, que de longe se me afiguravam redondas, de perto pareciam-me quadradas, e que colossos, erigidos sobre os mais altos cimos dessas torres, pareciam-me pequenas estátuas quando as olhava de baixo; e, assim, em uma infinidade de outras ocasiões, achei erros nos juízos fundados nos sentidos exteriores”.<sup>1</sup> Uma descrição da experiência como essa, que descarta o mundo exterior, cai num enorme preconceito subjetivista. O voltar-se sobre a interioridade nos conduz a uma dimensão afastada das coisas, o pensamento. Para o pensamento a percepção é enganadora e ilusória, as idéias e a razão devem corrigir. Mais do que uma interrogação essa atitude é uma negação da experiência ingênua com o mundo. O que a isso sucede é a criação de órgãos artificiais para corrigirem a percepção para um modelo intelectual que dela fazemos. O mundo percebido é convertido em idéia do mundo. A filosofia moderna, em geral, se distancia do mundo para voltar-se ao *ego*, derivando em seguida o mundo dele. O homem converte-se em sujeito e o mundo em objeto, só existindo para ser conhecido, não sendo nada em si mesmo.

Já as teorias empiristas acreditam que todas as idéias são cópias de nossas impressões, que são os mais vivos e fortes conhecimentos. As idéias, por estarem

mais distantes das coisas, seriam confusas e fracas. Desse modo jamais poderíamos pensar alguma coisa que não tivéssemos sentido através dos órgãos dos sentidos. Toda idéia incorporada pela imaginação é precedida por uma impressão, que pode esclarecer sua possível ambigüidade através da exatidão da percepção. Ou seja, a experiência perceptiva é esquecida em nome do objeto percebido. Desse modo acabaríamos supondo que a nossa consciência das coisas está nas próprias coisas, como se a percepção fosse construída pelo percebido. Isso redundaria em não compreendermos nem o percebido, acessível apenas através da percepção, e muito menos a percepção. Os objetos e suas qualidades não são elementos da consciência, mas *para a consciência*, não sendo plenos e determinados. “Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo. Se nós o fizéssemos, veríamos que a qualidade nunca é experimentada imediatamente e que toda consciência é consciência de algo.”<sup>2</sup>

Ao contrário dos empiristas e dos idealistas, para a fenomenologia a percepção nem engana nem esclarece incertezas do pensamento. Também não é o caso de conciliar empirismo e intelectualismo, ou de optar entre exterioridade e interioridade: a fenomenologia não pretende a união ou a síntese de opostos. Ao olhar através de uma janela, por exemplo, vejo ao fundo uma paisagem urbana e junto a ela o meu próprio reflexo, embora eu não esteja flutuando sobre a cidade. Para Merleau-Ponty jamais se trataria de um engano da percepção, mas de perceber uma-janela-com-a-paisagem-ao-fundo-e-o-meu-reflexo-nela. Só percebemos, ou seja, nos relacionamos com as coisas, lateralmente, por perfis. Mesmo sendo paradoxal o mundo percebido e tendo nós uma relação parcial com ele uma percepção é completa em si mesma. As coisas percebidas são pluridimensionais e poliformes e na medida em que nosso conhecimento se enraíza nelas ele deixa de ser absoluto. Toda percepção pode ser substituída por outra, já que o mundo não está totalmente constituído e encerrado. O pensamento de Merleau-Ponty, ao invés de buscar a permanência e a consolidação de um conhecimento, repousa no “movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber”<sup>3</sup> Não há verdade absoluta, interrogação e reflexão estão sempre presentes abrindo possibilidades de investigação. Dada uma tese e uma antítese, não chegamos em uma síntese, ou antes só há tese se houver antítese. Há uma constante recusa do ponto de partida. É uma dialética capaz de autocrítica, que permite a incessante interrogação e por isso a não formação de uma teoria. A percepção, de onde tudo se funda, não permite a resolução desses conflitos, a filosofia de Merleau-Ponty nos coloca sempre nessa ambigüidade.

A percepção origina o nosso conhecimento, é a parte principal dele, mas possui uma estrutura diferente do pensamento. Este, no plano do invisível, trabalha com idéias e abstrações e aquela, no mundo visível, com a crença nas evidências. Sendo a percepção distinta do pensamento, não será ela uma forma inferior de pensar, muito menos uma ambigüidade equivocada. Antes de suportar a ambigüidade deve-se reconhecê-la como fundação de uma reflexão filosófica que impede a instalação de um saber absoluto. A ambigüidade é uma propriedade intrínseca ao mundo percebido, as coisas mesmas. A percepção, antes de ser a ciência do mundo, “é retornar a esse mundo anterior ao conhecimento, do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significa-

tiva e dependente, como a geografia em relação à paisagem primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho.”<sup>4</sup>

A ciência possui, muitas vezes, esse sentido de querer resolver todas as ambigüidades do percebido, na busca de um conhecimento rigoroso e definitivo. No entanto ela acaba por tematizar e prolongar a experiência ingênua com o mundo, trabalhando racionalmente sobre a fé perceptiva. O cientista, através da análise racional objetiva, busca controlar e dominar o objeto percebido, sobrevoado-o, como se pudesse estar na posição de um observador absoluto. Tratando todo objeto como objeto em geral, como se ele nada fosse senão predestinado à experiência científica. A ação racional se coloca como capaz de desvendar os enigmas e paradoxos do mundo percebido espontânea e imediatamente em nome de uma verdade objetiva e desveladora do universo. O cientista observa cuidadosamente o objeto, que passa a existir em si, preexistindo a própria ciência. O objeto é visto independente do sujeito, formando uma relação onde um predomina sobre o outro, reduzindo seu estatuto e transformando a relação em unilateral. “O cientista manipula as coisas e renuncia a habitá-las. Fabrica para si modelos internos delas e, operando sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se defronta com o mundo atual.”<sup>5</sup>

O problema dessa atitude científica é maior quando o objeto do conhecimento é o homem. As ciências humanas acabaram, afim de atingir um estatuto científico, em incorporar esse modelo, reduzindo o homem a um objeto exterior, regido por relações mecânicas de causa e efeito. “Quando um modelo foi bem sucedido numa ordem de problemas, ela o experimenta em toda parte.”<sup>6</sup> Como um gradiente, que “se lança ao mar sem saber o que recolherá.”<sup>7</sup> O homem foi considerado como uma soma de condições históricas, sociológicas ou psicológicas, que atuando sobre ele o determinavam completamente. Esse modo de “coisificar” o sujeito acabou por fracioná-lo, sendo a separação entre corpo e consciência uma decorrência desse pensamento. A ciência se subdividiu, a medicina, com suas especialidades e a psicologia, cada uma tratando de uma parte muito específica do corpo. O “corpo real”, que a anatomia descobre e o “corpo vivido” que nossa consciência habita e que é puramente visível, surgem como distintos. A crítica de Merleau-Ponty se dirige a crença científica apoiada exclusivamente na “experiência científica” e não na experiência vivida. Criticará, principalmente na Estrutura do Comportamento, as teorias que tratam o corpo humano como um objeto que pode ser retalhado e analisado por partes, independente do seu conjunto. Cada parte só possui sentido quando atuando com o todo do organismo vivo, o que contradiz a alopatia e as teorias espiritualistas que opõem o corpo a alma desvalorizando seu papel. Eu “não tenho um corpo”, mas “sou um corpo” por isso ele não deve ser visto como um objeto passivo receptáculo do mundo que o rodeia, mas como um corpo-no-mundo. É a partir do corpo vivido e da consciência perceptiva que posso ser-no-mundo. Trata-se da busca do homem ligado e enraizado no mundo através do seu corpo.

A psicologia, nesse contexto científico, irá definir o comportamento humano como uma resultante de ações mecânicas sobre o corpo e deste sobre a consciência, como se houvesse um conjunto de causas físicas com reações correspondentes. A percepção será considerada apenas como um sistema mecânico fisiológico, onde estímulos são conduzidos ao cérebro, resultando numa determinada sensa-

ção. A coisa percebida será verdadeira se não houver falhas no sistema condutor. A dicotomia entre “coisa real” e “coisa percebida” ou seja, o paradoxo da percepção é resolvido como um mera questão fisiológica, delimitando a percepção a um problema objetivo dos fatos da natureza. É algo como dizer que a obra de Cézanne está fundamentada numa deficiência visual, como se sua pintura e vida estivessem erigidos sobre um acidente do seu corpo.

A psicologia, muitas vezes, para explicar essas “impercepções” ou “falhas” recorre a noção artificial da atenção, como se por falta de atenção não tivéssemos percebido corretamente. O ato de atenção é revelador do que não foi percebido a primeira vista. A atenção passa a ser como uma tomada de consciência, uma nova maneira de estar presente aos objetos, uma rearticulação dos objetos do mundo. Assim a atenção é “a constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza aquilo que até então só se oferecera como horizonte indeterminado.”<sup>8</sup> A atenção é um poder incondicionado que pode, a cada momento, dirigir-se, indiferentemente, a todos os conteúdos da consciência. A noção de atenção, como mostra Merleau-Ponty, não tem a seu favor nenhum testemunho da consciência. “Ela é apenas uma hipótese auxiliar que se forja para salvar o prejuízo do mundo objetivo. Precisamos reconhecer o indeterminado como um fenômeno positivo.”<sup>9</sup> Ela jamais poderia ser interessada. A percepção atenta não possui nada a mais do que a distraída. A noção de atenção torna-se um artifício.

Além disso qualquer psicologia ou mesmo fisiologia que separe o somático do psíquico acaba por redundar num mecanicismo. Do mesmo modo que nas ciências naturais, para a psicologia o objeto não terá sua concepção alterada conforme a atitude do observador, como se fosse possível sobrevoar a consciência objetivada. A psicologia acaba por desconsiderar a própria natureza de seu objeto, que não pode ser reduzido a soma de suas partes, o que impossibilita qualquer explicação causal.

Uma das crítica que a teoria da Gestalt faz a essas psicologias é que se deveria considerar o sistema condutor, aferente, do sistema nervoso como um campo de forças, que conforme certos modos de distribuição, se equilibraria. A categoria da forma, como um processo dinâmico, não como uma soma de partes isoladas, provocariam mudanças no sistema aferente, que por sua vez provocaria novos movimentos e mudanças no estado do sistema, o que poderia dar conta do comportamento. Dessa forma o corpo pode surgir como dotado de ambigüidade, não permitindo uma localização precisa e determinante da recepção de um estímulo e de um movimento resultante. A fisiologia e as relações da física mecânica do corpo acabam sendo tratadas como instância superior. “A fisiologia da percepção começa por admitir um trajeto anatômico que conduz de um receptor, determinado por um transmissor definido, a um certo registrador, também especializado. Dado o mundo objetivo, admite-se que ele confia aos órgãos do sentidos mensagens que devem então ser conduzidas, depois decifradas, de modo a reproduzir em nós o texto original.”<sup>10</sup> As mensagens do mundo exterior não são copiadas pelos órgãos, mas reconstruídas. A experiência sensível não pode ser definida pela fisiologia, a experiência sensível é um processo vital. O cérebro, que era considerado como central, influi nos órgãos receptores, nos sentidos, relacionando-os com todo o corpo.

No entanto, a teoria da Gestalt acaba por tentar explicar funcionalmente o percebido. As formas são pensadas como coisa e não como extensão do ser. Ao invés de reformular a ontologia implícita nas ciências humanas ela reafirma os mesmos preconceitos conservadores das outras psicologias. O objeto da psicologia não pode ser questionado e tratado da mesma maneira como um físico trabalha com a natureza. Não há equivalente algum na natureza comparável à consciência. A Psicologia da Forma, ao invés de reformular a concepção mecânica e elementar do psíquico recai no preconceito objetivista. Os próprios procedimentos dessa psicologia desembocaram no estudo de condições determinantes para a compreensão do comportamento humano, buscando relações sobre condições artificiais que o estabeleceriam. É na experiência vivida e pré-reflexiva, não num laboratório, que podemos apreender as intenções e sentidos do complexo comportamento humano. A crença exclusiva na experiência científica da Gestalt é determinante para seu equívoco. O erro foi acreditar que a percepção estaria resolvida com explicações psicofisiológicas dos fenômenos do cérebro.

O percebido possui uma ambigüidade que não permite explicações objetivas. Ao invés de negar as condições oferecidas pelo corpo para percebemos constata-se que não podemos explicar a percepção através dessas condições. Mostrar a impossibilidade da redução do psiquismo a um objeto que possui pura exterioridade exige uma outra noção da relação sujeito-objeto. A noção de estrutura manterá a especificidade do real, permitindo a compreensão do organismo vivo e do comportamento humano como uma totalidade não apenas física. Desse modo, nega o preconceito objetivista e permite a superação de dualismos como sujeito-objeto, corpo-espírito, homem-mundo.

Estamos todos misturados ao mundo, aos outros e as coisas. O corpo e as coisas são feitos do mesmo estofa, existindo uma unidade entre eu-mundo. Sujeito e objeto passam por uma diluição e integração, o corpo, habitado pela consciência, se dissolve no mundo. “O enigma reside nisso: meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o ‘outro lado’ do seu poder vidente. É nesse sentido que se dá a abertura para o mundo. Ou seja, é o reconhecimento de que o vidente possa estar flutuando sobre a paisagem da cidade vista numa janela com o meu reflexo, pode estar em todos os lugares que sua visão alcançar. Esse não é um modo de flutuar como o cientista sobrevoa as coisas, nem uma apropriação delas, mas apenas uma aproximação desse mundo que o vidente faz parte e que “não é em si ou matéria” Somente a percepção realizada por uma consciência inseparável do corpo e habitante do mundo pode afastar-se de uma vez por todas da atitude de sobrevôo que acaba por substituir o mundo.

Merleau-Ponty, embora ataque o racionalismo científico, não defende o irracionalismo, mas almeja uma racionalidade alargada, que inclua o que precede e excede a razão. Sua crítica não é contra a ciência, mas contra o ideal filosófico imbutido na explicação científica. Ciência não se opõe a filosofia, pois são dependentes, um não tem sentido sem o outro: “o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a insistir nas próprias coisas e em si mesmo, tornará a ser filosofia...”<sup>11</sup> O problema é que a ciência, ao invés de iluminar a fé perceptiva é uma continuação e sistematização dessa crença que sustenta o nosso primeiro modo

de estar no mundo. O erro da experiência ingênua é acreditar que o mundo é transparente ao olhar. Já a filosofia, determina uma idéia ou um objeto e também supõe que o mundo seja apenas e exclusivamente isso. Tanto a ciência quanto a filosofia esquecem o conhecimento perceptivo como fundação de todo conhecimento e voltam-se para um mundo considerado pleno e absoluto. A ciência poderia comportar a ambigüidade e a indeterminação. Enquanto a filosofia deveria interrogar o determinado restituindo a estranheza originária do mundo. A obra de arte pode possuir essa ambigüidade e atitude interrogativa, além da capacidade de transcender-se e ser transcendida abrindo-se para o mundo: "a arte e notadamente a pintura nutrem-se desse lençol de sentido bruto do qual o ativismo nada quer saber."<sup>12</sup>

### **Arte Concreta e Neoconcreta: Um Paralelo.**

A arte concreta<sup>13</sup> no contexto da arte contemporânea no Brasil, além de ser uma reação de um determinado grupo de artistas frente a uma tendência estética é uma tomada de posição filosófica. O projeto concreto deriva de um compromisso com a sociedade industrial que já fora esboçado no manifesto da Bauhaus: a visão social da arte, a integração da arte e da cidade, e o experimentalismo. É, também, uma atitude herdeira do pensamento do grupo *De Stijl*, de Mondrian, mas que pretende responder ao seu misticismo com a "pura visualidade", expressando-se esteticamente e com objetividade. O grupo paulista Ruptura<sup>14</sup> ao expor no MAM-SP em 1952, ocasião do lançamento do seu manifesto, defendia que a arte não deveria ser construída a partir de opiniões, mas a partir de conceitos *a priori* e com clareza. Além disso, esses artistas partiram e aplicaram conceito de forma elaborado pelos psicólogos da Gestalt, que identificavam as leis da percepção com as leis do mundo físico. Mais tarde a crítica neoconcreta<sup>15</sup> do grupo carioca, explicitada principalmente no Manifesto Neoconcreto, 1959, de Ferreira Gullar, tenta romper com o objetivismo e racionalismo que vinha tomando conta desse movimento no Brasil. No manifesto, Gullar cita algumas vezes Merleau-Ponty e faz uma crítica à arte concreta análoga à crítica desse filósofo à *Gestalttheorie*.

A concepção de arte explicitada pelos artistas concretos está intimamente ligada às noções técnicas e científicas. Ela se pretende compromissada com a razão e a moral, aspirando descobrir uma verdade científica para todos, visando um projeto social que interfira e melhore a vida humana. A arquitetura, o desenho industrial, ou a publicidade tornam-se um campo de aplicações fecundo. Foram nessas áreas que seus ideais puderam ser aplicados mais facilmente. Geraldo de Barros, por exemplo, pioneiro da fotografia abstrata no Brasil, se dedicou muito às artes gráficas e fundou em 1954 a Fundação Unilabor. Era um sistema de cooperativa de trabalho que visava a industrialização de móveis em São Paulo. Ligada a um grupo socialista e a um padre, mantinha uma escola de arte infantil, um grupo de teatro e um posto de saúde.

Esse projeto construtivo, de uma forma geral, se insere num contexto histórico de rápida industrialização e modernização pelo qual passava o Brasil. Um momento importante foi a tentativa de produção de uma indústria cinematográfica, a Vera Cruz. Além disso a primeira emissora de televisão brasileira, a TV Tupi, havia sido inaugurada em 1950. Vale lembrarmos também a criação da Petrobrás, em 1954, e a posse de Jucelino Kubitschek, dois anos depois, com seu plano de metas e a

conseqüente e forçada industrialização brasileira. Nesse mesmo ano, a Volkswagen veio ao Brasil e foi iniciada a construção de Brasília, época em que o projeto construtivo brasileiro atinge uma de suas maiores realizações.

Não se trata aqui de julgar ou avaliar a arte concreta em detrimento da neoconcreta, pois elas formam um par indissociável. Fazê-lo seria esquecer que as duas são uma resposta de certos setores frente a questão do desenvolvimento social e cultural do país. A polaridade concretismo neoconcretismo para a compreensão do ambiente cultural da época, aos poucos se torna esquemática. Seria necessário estudar uma série de outros artistas desse contexto que não se encaixaram nos manifestos. No entanto pretende-se nessa pequena apresentação apenas traçar um paralelo entre arte concreta e neoconcreta, e Gestalttheorie e a Fenomenologia de Merleau-Ponty.

Marco importante para a compreensão do concretismo é o manifesto do grupo Ruptura, que surgiu no polêmico clima da premiação de Max Bill, um dos grandes responsáveis pelos caminhos da arte concreta no Brasil, com a escultura *Unidade Tripartida* (pertencente ao acervo do MAC-USP) na 1ª Bienal Internacional de São Paulo. O artista suíço, trabalhando com formas despojadas de subjetividade, buscava o caráter intrínseco da matéria. Tratava as cores como fatos da percepção, dotas de energia que agiam no campo visual estabelecendo relações neles. A matemática, também como tema, passou a desempenhar um papel cada vez mais importante equivalente ao da "verdadeira realidade". Para ele a matemática é o meio mais eficiente para o conhecimento da realidade objetiva. Essa ciência passa a ser a motivação que justifica a distância do mundo natural e figurativo. No entanto, a aproximação entre arte e ciência se deu de tal forma que, segundo a crítica neoconcreta, resultou num predomínio dos princípios desta sobre os daquela. A arte concreta torna-se quase uma ciência da arte. Mais do que um estilo ela possui um conteúdo a ser passado através de uma estética que beira o normatismo, ou seja, quase chega a possuir um conjunto de preceitos a serem adotados pelos artistas. Trata-se de uma busca das origens da linguagem objetiva e universal da forma. Cada pintura deveria ser um pensamento e não um meio ótico para expressar o pensamento. Trata-se de uma busca intelectual do verdadeiro pelo ótico, numa atitude onde tudo é mensurável, numa época de certeza e perfeição. Todo sentimentalismo, sensualidade, lirismo ou dramatismo deveriam ser eliminados em nome da pura intelecção.

Na pintura pode-se observar mais facilmente o tratamento objetivo dado aos elementos visuais, reduzidos a fatos perceptivos sem transcendência. A arte se conduziu à uma atitude analítica que acabou por se deter na mera utilização de efeitos óticos, transformando as formas e as cores em algo sem qualquer significação e transcendência do nível da percepção visual. As obras passam a ser variações de um mesmo tema e fenômeno físico. A arte concreta almeja a construção de um espaço bidimensional. A cor é uma cor pura de superfície, para as formas privilegiadas da Gestalt, não uma cor que é espaço como para os neoconcretos.

Na verdade esses artistas, partindo da Gestalt, buscaram explicar a percepção segundo algumas leis do mundo físico. A *Gestalttheorie* não distingue entre forma física e estrutura orgânica, aquela sujeita as leis do campo em que ela se situa e a estrutura orgânica ligada a significação que o homem apreende. Conforme Renam,

citado por Mario Pedrosa, a obra de arte em termos gestaltianos deveria ser um sistema vivo em que as partes fossem independentes e relacionadas: “desse modo se trava, pois, o permanente conflito de tensões e de formas, todas englobadamente em busca de equilíbrio, de um estado de repouso equivalente ao mesmo dinamismo sensorial livre, em luta com o material.”<sup>16</sup> No entanto, mais tarde, sua posição convergiria com a de Ferreira Gullar, quanto aos problemas da aplicação dessa psicologia no campo artístico.

Coerentemente com a concepção de arte ligada a um cientificismo, os conceitos de forma aplicados à estética tornam-se dogmáticos e reafirmam a experiência ingênua com o mundo, a crença natural de que o mundo pode ser explicado e conhecido. É como se a percepção, a partir de alguns esquemas, estivesse decifrada, eliminando assim qualquer ambigüidade do percebido. Se os mistérios do mundo estivessem solucionadas a arte então passaria apenas a ilustrar esses conhecimentos absolutizados e perderia seu sentido. Enquanto a Gestalt busca solucionar e esgotar as ambigüidades, a fenomenologia reabre o problema da percepção. É nesse sentido que a crítica de Merleau-Ponty à Gestalt é análoga à crítica da arte neoconcreta à arte concreta.

O manifesto neoconcreto começa se referindo à “perigosa exacerbação racionalista” que, segundo Ferreira Gullar, levou à sobreposição do conceito objetivo da ciência aos problemas estéticos propriamente ditos. Para os concretos é a racionalidade da obra de arte que fundamenta a sua objetividade. A arte geométrica, tentando fugir do lirismo da arte abstrata, se deixou influenciar pelas concepções da física e da mecânica, que tendem a racionalizar cada vez mais os propósitos estéticos. Os neoconcretos propõem uma revisão das idéias de Mondrian, Malevitch e da Bauhaus negando a obra de arte como explicitação de conceitos dados *apriori*. Eles se pretendem independentes em relação ao conhecimento objetivista da ciência, assim como da moral, da política e da indústria. Passaram a questionar a concepção teórica da forma, que se limitou a produzir determinados esquemas perceptivos, como se o artista se restringisse à resolução de problemas compositivos através da escolha racional das cores-superfícies e desenvolvimento de linhas e ritmos seriados. A objetividade do artista foi substituída por uma objetividade ditada pelas leis da física, tornando a arte totalmente desnecessária. Levando às últimas conseqüências essa posição, apenas restaria ao artista provar o que já está formulado tentando, numa atitude militante e dogmática aproximar e divulgar está descoberta. Mas o que ocorre é que o público acaba se afastando dela uma vez que, autoreflexiva, passa apenas a se preocupar com problemas formais de sua própria “linguagem”

A arte neoconcreta rejeita, assim, qualquer formulação da arte como máquina e objeto. Não se trata de eliminar os problemas da percepção, mas de repor um problema de significação, que transcende as relações mecânicas e objetivas da Gestalt, e restabelece a ambigüidade do mundo pela experiência direta nele, aproximando, e quase não distinguindo, arte e vida.

No entanto, não se trata de fugir de qualquer objetividade e cair numa total subjetividade, mas de rejeitar o primado da atitude analítica sobre a percepção estética e restituir a esta a capacidade de formulação de experiências. A experiência visual não pode ser tratada objetivamente, pois o corpo não é um receptáculo



que através de relações meramente mecânicas transfere estímulos ao cérebro, mas tudo apreende como significação e a ela reage transformando-a e transferindo-a. Alguns artistas concretos tentaram atingir a essência da visão depurando os elementos visuais de tudo aquilo que não fosse estritamente ótico, esquecendo que a visão pende do movimento dos olhos que habitam um corpo também móvel.

A posição que incentivou a arte concreta nas suas origens desembocou numa relação de objetividade entre artista e forma semelhante a relação entre cientista e natureza. A forma acabou sendo analisada como num laboratório, como se ela nada fosse, desprovida de significado e historicidade. Como se o olho pudesse atingir a especialização de um microscópio, reduzindo-o a um aparelho mecânico. Isso elimina qualquer estranheza do mundo, qualquer experiência de interrogação. A arte neoconcreta se propôs romper com essa visão especializada, devolvendo à forma sua ambigüidade natural perceptiva. O racionalismo acaba destruindo a autonomia artística ao se apropriar da arte.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Descartes, R. Sexta Meditação. *Meditações*. Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1973. p. 141

<sup>2</sup> Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo. Martins Fontes. 1996. p. 38

<sup>3</sup> Idem, *Elogio da Filosofia*. Lisboa. Guimarães Editores. 1993. p. 11

<sup>4</sup> Idem. Prefácio *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes. São Paulo. 1996. p. 4

<sup>5</sup> Idem. *O Olho e o Espírito*. Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1975. p. 275

<sup>6</sup> Idem. Ibidem. p. 275

<sup>7</sup> Idem. Ibidem. p. 275

<sup>8</sup> Idem, *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes. São Paulo. 1996. p. 59

<sup>9</sup> Idem, Ibidem. p. 27

<sup>10</sup> Idem. Ibidem. p. 29

<sup>11</sup> Idem. Idem. *O Olho e o Espírito*. Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1975. p. 276

<sup>12</sup> Idem. Ibidem. p. 276

<sup>13</sup> O termo "arte concreta" foi cunhado por Theo Van Doesburg, que criou grupo e revista homônimo em Paris em 1930.

<sup>14</sup> Os principais artistas concretos de São Paulo foram Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto e Anatol Wladyslaw. Todos assinaram o manifesto Ruptura em 1952, a eles se juntou, mais tarde, Maurício Nogueira Lima.

<sup>15</sup> Os mais importantes artistas neoconcretos foram Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Amílcar de Castro e Franz Weissmann.

<sup>16</sup> Pedrosa, Mario. "Da Natureza Afetiva da Forma na Obra de Arte" Tese apresentada para a cátedra de história da arte e estética da Faculdade Nacional de Arquitetura, Rio de Janeiro, 1949. Publicado em Mario Pedrosa, textos escolhidos II, Edusp, São Paulo, 1995. p. 117